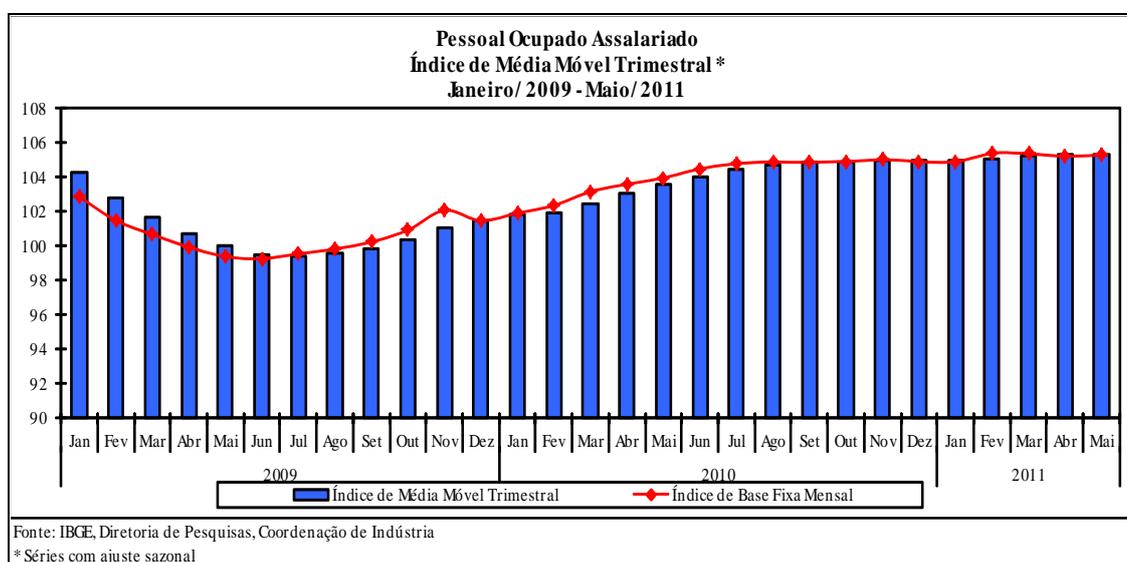


COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

O emprego industrial, ao apontar variação positiva de 0,1% em maio frente ao mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, manteve o quadro de estabilidade já verificado em março (0,0%) e abril (-0,1%) últimos. Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral repetiu em maio o patamar de abril, após ficar estável de outubro/10 a janeiro/11 (0,0%) e assinalar ligeira variação de 0,1% de fevereiro/11 a março/11.



Na comparação com maio de 2010, o emprego industrial apresentou expansão de 1,3%, décimo sexto resultado positivo consecutivo nesse tipo de confronto, mas o menos intenso desde fevereiro do ano passado (0,8%). Com isso, o índice acumulado nos cinco primeiros meses do ano avançou 2,2%, mas com ritmo ligeiramente abaixo dos 2,4% observados até abril. A taxa anualizada, medida pelo índice acumulado nos últimos doze meses, ao apontar 3,5% em maio de 2011, prosseguiu com a redução na intensidade do crescimento iniciada em fevereiro último.

Em relação a maio do ano passado, o emprego industrial mostrou expansão de 1,3%, com o contingente de trabalhadores registrando crescimento em doze dos quatorze locais pesquisados. As principais contribuições positivas sobre o resultado global vieram do Paraná (6,1%),

Minas Gerais (3,0%), região Nordeste (2,3%), Rio Grande do Sul (2,7%) e região Norte e Centro-Oeste (2,5%). Na indústria paranaense, as maiores influências positivas vieram dos setores de alimentos e bebidas (14,3%), máquinas e aparelhos eletroeletrônico e de comunicações (30,7%) e meios de transporte (13,6%). No parque industrial mineiro, os segmentos que mais influenciaram o total do pessoal ocupado no estado foram alimentos e bebidas (4,0%), metalurgia básica (7,1%) e meios de transportes (6,2%). Na indústria da região Nordeste, os maiores avanços no emprego industrial foram assinalados por alimentos e bebidas (3,3%) e minerais não metálicos (11,8%), enquanto no setor industrial gaúcho, os impactos vindos de alimentos e bebidas (11,0%), máquinas e equipamentos (6,7%) e meios de transporte (8,8%) foram os mais relevantes. Na indústria da região Norte e Centro-Oeste sobressaíram os ramos de máquinas e aparelhos eletroeletrônico e de comunicações (34,1%) e produtos de metal (23,0%). Por outro lado, São Paulo (-0,7%) e Ceará (-1,4%) apontaram as duas taxas negativas entre os locais investigados, pressionados em grande parte pela redução no total do pessoal ocupado nas indústrias de papel e gráfica (-19,5%) e de vestuário (-10,6%), no primeiro local, e de calçados e couro (-7,4%), no segundo.

Setorialmente, ainda no índice mensal, o emprego industrial avançou em onze dos dezoito ramos investigados, com destaque para alimentos e bebidas (3,4%), meios de transporte (7,6%), máquinas e equipamentos (4,7%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (6,4%), outros produtos da indústria de transformação (5,7%) e metalurgia básica (7,5%). Por outro lado, papel e gráfica (-10,2%), vestuário (-4,0%), madeira (-10,2%) e calçados e couro (-3,7%) exerceram os principais impactos negativos.

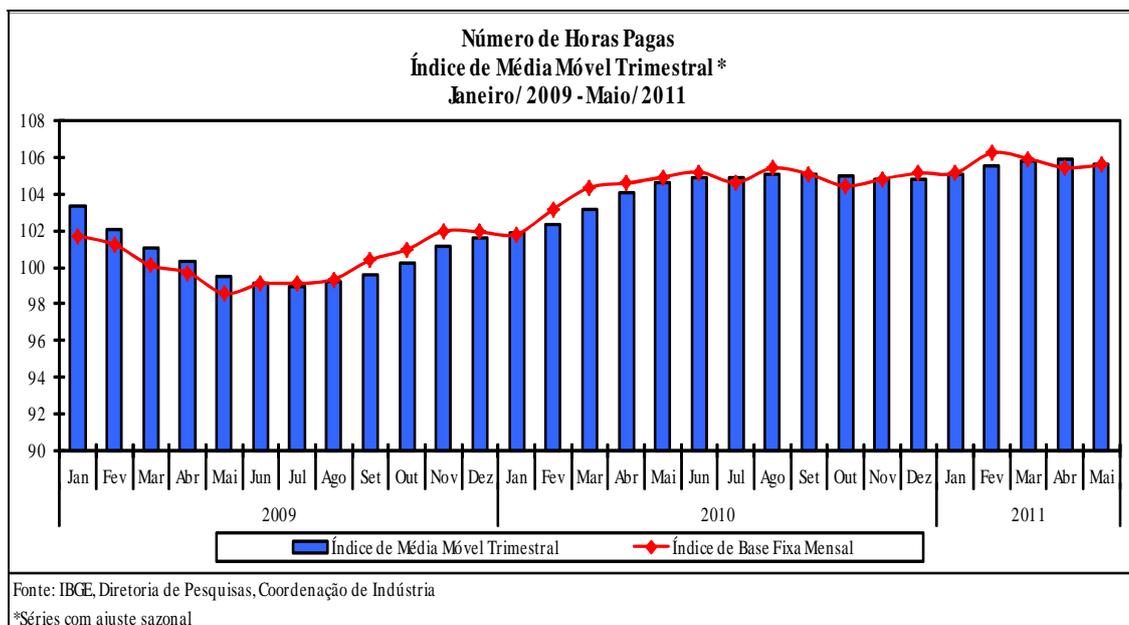
No índice acumulado nos cinco primeiros meses de 2011, o nível do pessoal ocupado na indústria foi 2,2% maior do que em igual período do ano anterior, apoiado no crescimento de treze dos quatorze locais e de doze dos dezoito setores investigados. Entre os locais, Minas Gerais (3,6%), região Nordeste (2,8%), Paraná (4,3%), região Norte e Centro-Oeste (3,6%), Rio Grande do Sul (3,1%) e São Paulo (0,6%) exerceram as maiores pressões

positivas sobre o total da indústria, enquanto o Ceará (-0,4%) permaneceu apontando a única taxa negativa no índice acumulado no ano. Setorialmente, as contribuições positivas mais relevantes vieram de meios de transporte (8,1%), alimentos e bebidas (2,2%), produtos de metal (6,5%), máquinas e equipamentos (5,6%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (6,2%), metalurgia básica (8,0%). Por outro lado, os ramos de papel e gráfica (-8,8%), de vestuário (-3,1%) e de madeira (-7,1%) responderam pelos principais impactos negativos.

Em síntese, o emprego industrial, em maio de 2011, permaneceu mostrando estabilidade na série com ajuste sazonal. Esse quadro também foi observado no índice de média móvel trimestral, que desde setembro do ano passado fica praticamente estável. Vale destacar que esses resultados refletiram em grande parte o desempenho menos intenso da produção industrial nos últimos meses. Nas comparações contra iguais períodos de 2010, os resultados do emprego industrial para os índices mensal (1,3%) e acumulado nos cinco primeiros meses do ano (2,2%) marcaram a continuidade da expansão, mas com clara redução na intensidade do crescimento, refletindo não só comportamento moderado do mercado de trabalho no setor industrial nos últimos meses, mas também a elevada base de comparação. Com isso, o índice acumulado nos últimos doze meses, ao avançar 3,5%, prosseguiu com a sua trajetória descendente iniciada em fevereiro último (3,9%), quando assinalou a taxa mais elevada desde o início da série histórica.

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em maio de 2011, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, já descontadas as influências sazonais, apontou variação positiva de 0,1% frente ao mês imediatamente anterior, após registrar recuos de 0,3% em março e de 0,5% em abril. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral mostrou variação negativa de 0,2% na passagem dos trimestres encerrados em abril e maio, primeiro resultado negativo desde novembro de 2010, acumulando nesse período ganho de 1,0%.



No confronto com igual mês do ano anterior, houve aumento de 0,9% no número de horas pagas, décima sexta taxa positiva consecutiva nesse tipo de comparação, mas a menos intensa desde janeiro de 2010 (0,0%). O índice acumulado nos cinco primeiros meses do ano atingiu expansão de 1,9%, desacelerando o ritmo de crescimento frente aos fechamentos do primeiro trimestre (2,6%) e dos quatro primeiros meses do ano (2,2%). A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, marcou 3,6% em maio de 2011, mas permaneceu apontando avanços menos intensos desde fevereiro (4,5%).

Em maio de 2011, o número de horas pagas cresceu 0,9% em relação a igual mês do ano anterior, com taxas positivas em nove dos quatorze locais pesquisados. A principal influência positiva sobre o total do país foi observada em Minas Gerais (3,3%), apoiado em grande parte no aumento do número de horas pagas nos setores de borracha e plástico (20,2%), metalurgia básica (7,1%), máquinas e equipamentos (8,5%), outros produtos da indústria de transformação (8,2%), produtos de metal (5,9%) e meios de transporte (4,6%). Vale mencionar também as contribuições positivas vindas da região Norte e Centro-Oeste (3,7%), em função, principalmente, dos avanços registrados por máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (33,6%) e produtos de metal (29,4%); Paraná (3,0%), devido à expansão verificada em máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de

comunicações (35,5%), produtos de metal (20,8%) e alimentos e bebidas (4,0%); região Nordeste (1,9%), impulsionado pelo maior número de horas pagas nos setores de minerais não metálicos (13,7%) e de alimentos e bebidas (3,3%); e Rio Grande do Sul (1,9%), por conta dos ramos de alimentos e bebidas (10,9%) e de máquinas e equipamentos (8,9%). Por outro lado, São Paulo (-1,2%) exerceu o principal impacto negativo no total do número de horas pagas, pressionado em grande parte pelas atividades de papel e gráfica (-20,0%), vestuário (-13,0%) e produtos químicos (-3,5%).

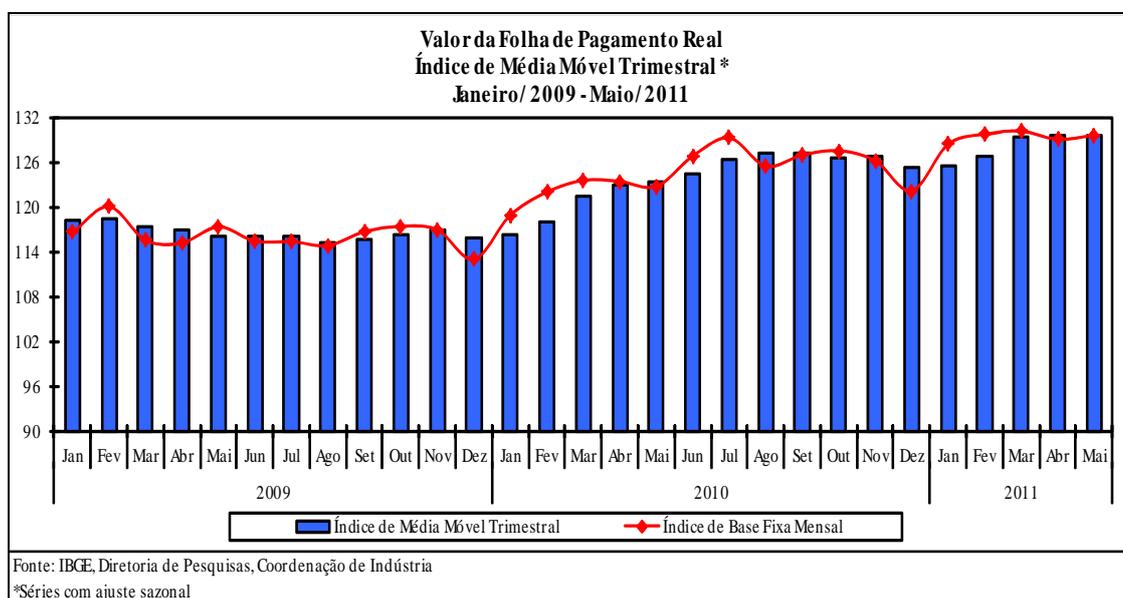
Setorialmente, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, o número de horas pagas cresceu em onze dos dezoito setores pesquisados, com as maiores contribuições positivas vindas de alimentos e bebidas (2,8%), meios de transporte (6,2%), máquinas e equipamentos (5,7%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (5,7%), outros produtos da indústria de transformação (5,0%) e metalurgia básica (6,4%). Por outro lado, papel e gráfica (-10,5%), vestuário (-4,8%), calçados e couro (-5,2%) e madeira (-9,7%) foram as atividades que exerceram os impactos negativos mais significativos no total nacional.

O índice acumulado nos cinco primeiros meses de 2011 mostrou expansão de 1,9% frente a igual período do ano anterior, com taxas positivas em treze dos quatorze locais e em onze dos dezoito ramos investigados. No corte setorial, as principais pressões positivas no total do número de horas pagas vieram de meios de transporte (7,5%), máquinas e equipamentos (5,7%), produtos de metal (6,1%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (7,4%) e alimentos e bebidas (1,9%), enquanto papel e gráfica (-9,5%) e vestuário (-3,3%) assinalaram os maiores impactos negativos sobre a média da indústria. Entre os locais, as influências positivas mais relevantes vieram da região Norte e Centro-Oeste (4,7%), Minas Gerais (3,8%), Paraná (3,5%), região Nordeste (2,0%) e Rio Grande do Sul (2,5%), impulsionados, em grande parte, pelos aumentos no número de horas pagas nos ramos de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (33,8%) e produtos de metal (37,5%), no primeiro local, meios de transporte (7,1%), produtos de metal (8,4%) e borracha e plástico

(20,6%), em Minas Gerais, alimentos e bebidas (5,9%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (26,5%) e produtos de metal (20,4%), no Paraná, minerais não metálicos (9,1%), vestuário (4,9%) e alimentos e bebidas (1,6%), no quarto local, e alimentos e bebidas (8,7%) e máquinas e equipamentos (7,5%) no último. Por outro lado, Ceará (-2,8%) permaneceu apontando o único resultado negativo no índice acumulado no ano, pressionado sobretudo pela queda observada em calçados e couro (-13,6%).

FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em maio de 2011, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente cresceu 0,4% frente ao mês imediatamente anterior, após recuar 0,9% em abril e acumular expansão de 6,5% nos três primeiros meses do ano. Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral ficou estável (0,0%) na passagem do trimestre encerrado em abril para maio, após quatro meses seguidos de crescimento, período em que acumulou ganho de 3,5%.



No confronto com iguais períodos do ano anterior, o valor da folha de pagamento real avançou 5,0% em maio de 2011, décima sétima taxa positiva consecutiva, e 5,9% no índice acumulado nos cinco primeiros meses do ano. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, cresceu 7,6% em maio, praticamente repetindo o resultado de abril (7,5%).

No índice mensal, o valor da folha de pagamento real mostrou expansão

de 5,0%, com resultados positivos em treze dos quatorze locais pesquisados. A principal contribuição positiva sobre a média da indústria foi observada em São Paulo (4,4%), apoiado sobretudo nos avanços assinalados pelos setores de meios de transporte (16,7%), alimentos e bebidas (8,5%) e máquinas e equipamentos (6,4%). Vale citar também as influências vindas de Minas Gerais (12,2%), impulsionado pelos ramos de meios de transporte (24,9%), influenciado pelo pagamento de participação nos lucros e de resultados em importante empresa do setor, e metalurgia básica (21,2%); região Nordeste (6,1%), por conta de alimentos e bebidas (9,3%) e meios de transporte (25,6%); Paraná (6,2%), em razão das pressões positivas vindas de alimentos e bebidas (12,6%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (29,5%); Rio de Janeiro (5,1%), apoiado nas expansões registradas por meios de transporte (12,4%) e indústrias extrativas (6,6%); e Rio Grande do Sul (4,6%), influenciado pelos setores de meios de transporte (13,8%), alimentos e bebidas (8,4%) e máquinas e equipamentos (5,3%). Em sentido oposto, o único resultado negativo no valor da folha de pagamento real foi verificado no Espírito Santo (-10,2%), pressionado em grande parte pela queda de 46,8% observado no setor de metalurgia básica, pressionado pela elevada base de comparação, decorrente do pagamento de participação nos lucros em importante empresa do setor em maio de 2010.

Setorialmente, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real cresceu em treze dos dezoito setores pesquisados, com destaque para as influências vindas de meios de transporte (15,9%), alimentos e bebidas (5,9%), máquinas e equipamentos (6,7%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (9,5%), metalurgia básica (6,9%) e minerais não metálicos (7,0%). Por outro lado, os impactos negativos mais relevantes no total do país foram assinalados por papel e gráfica (-12,8%) e calçados e couro (-5,1%).

No índice acumulado no ano, o valor da folha de pagamento real cresceu 5,9%, com perfil generalizado de crescimento, que atingiu todos os locais investigados. A maior influência sobre o total do país permaneceu vindo de São Paulo (4,5%), sustentado em grande parte pelos resultados

positivos vindos de meios de transporte (11,5%), máquinas e equipamentos (10,9%), alimentos e bebidas (4,2%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (6,2%) e produtos químicos (4,4%). Outras contribuições relevantes foram assinaladas por Minas Gerais (11,8%), Paraná (8,3%), região Nordeste (6,0%) e Rio de Janeiro (6,6%). Nestes locais, sobressaíram os avanços registrados nos setores de meios de transporte (18,2%) e metalurgia básica (14,0%) na indústria mineira; meios de transporte (17,8%) e alimentos e bebidas (11,4%) no Paraná; alimentos e bebidas (7,9%) e meios de transporte (21,5%) na região Nordeste; e indústrias extrativas (9,4%), meios de transporte (7,3%) e produtos químicos (9,2%) na indústria fluminense.

Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, o valor da folha de pagamento real mostrou avanço em treze dos dezoito ramos investigados, com destaque para os ganhos vindos de meios de transporte (12,2%), máquinas e equipamentos (11,0%), alimentos e bebidas (5,1%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (8,7%), metalurgia básica (8,3%), produtos de metal (7,6%) e indústrias extrativas (6,8%). Em sentido contrário, a atividade de papel e gráfica (-9,7%) exerceu a contribuição negativa mais significativa na média global da indústria.